

**BERIVANE ROCHA SOUZA**

**CADERNO PEDAGÓGICO**

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Jeane de Cássia  
Nascimento Santos.

**Itabaiana, SE**

**2015**

# CADERNO



# PEDAGÓGICO

# CADERNO PEDAGÓGICO

## Apresentação

Professor,

Esse caderno de apoio pedagógico foi pensado e criado com o intuito de facilitar a prática em sala de aula e servir de base para o desenvolvimento do ensino de leitura literária do texto oral. Espera-se que as aulas aqui planejadas sirvam como suporte e sejam úteis na prática junto aos alunos.

O caderno é composto por cinco módulos-aulas. Cada uma delas apresenta atividades propostas elaboradas com a finalidade de contribuição na aprendizagem de leitura literária e leitura literária do texto oral e a competências e habilidades a elas relacionadas. Para isso foram escolhidos textos escritos por autores e pesquisadores renomados na área da oralidade brasileira e textos oriundos do imaginário popular da comunidade de Olhos D'água. Esses textos podem ser adaptados para as narrativas locais de cada região do Brasil. Fica a critério do professor adequar a proposta para a realidade de sua região.

## Objetivos

### Objetivo Geral

- Permitir ao aluno o conhecimento da pluralidade cultural existente nos diferentes indivíduos do convívio social, compreendendo a formação da identidade dos sujeitos.

### Objetivos Específicos

- Compreender a importância da tradição oral nas culturas africanas;
- Valorizar a oralidade, corporeidade e a transmissão de saberes por esse veículo;
- Refletir sobre as histórias contadas pelos mais velhos;
- Estabelecer relação entre cultura e tradição oral.

## Recursos utilizados

- *Data show*;
- Computadores conectados à Internet;
- Cópia dos textos escritos que serão utilizados,
- Celular para gravações de áudio

## ETAPAS:

### **1ª oficina (3h/a): Apresentação/Motivação para o conteúdo proposto**

- Oficina 1 – As atividades desenvolvidas nessa oficina, proporcionará ao aluno conhecer um pouco sobre literatura, desvendando os significados, texto literário e o texto literário oral. Como a sequência está ancorada no ensino de leitura literária de tradição oral, a motivação para o início das atividades partirá de imagens relacionadas às narrativas de tradição oral visando interação e percepção do aluno para com as narrativas que fazem parte do cotidiano deles.

### **Conteúdos:**

Conceitos de literatura;

Textos literários e não-literários;

Texto oral e texto escrito.

### **Recursos:**

Data show.

Imagens, oriundas da internet, que retratem o imaginário popular das narrativas orais.

### **Descrição das atividades propostas:**

No início, sonde os alunos, questionando-os previamente acerca do conhecimento deles sobre o termo literatura. De forma simples, pois se trata de uma

turma de sexto ano, conceitue literatura, pontuando o papel da mesma na vida em sociedade e a importância dos movimentos literários para as manifestações sócio, histórico, cultural e artístico que são representados pela mesma.

A abordagem sobre os textos literários, escritos e orais, deve surgir durante a aula ressaltando a importância deles, para o constructo dos sujeitos, para manifestações de crenças, valores, sentimentos entre outros.

## 2. Exposição de imagens

Questões norteadoras:

1. Conhecem alguma dessas imagens expostas?
2. Elas lembram alguma história que vocês já ouviram? Qual?
3. Alguma das imagens chamou mais atenção? Qual? Por quê?
4. Vocês acham que esses textos são literários?

- Sugestão de imagens para serem utilizadas na primeira oficina:





## **2ª oficina (2h/a): Conhecendo os valores e a cultura brasileira**

- Oficina 2 – Nesse momento, através da contação de histórias de forma mediada, os alunos serão levados ao contato com narrativas. Nessa oficina será apresentada, primeiramente, uma narrativa que não faça parte do repertório do cotidiano deles para em seguida os mesmos se sentirem livres para contar as suas histórias e possivelmente compará-las, pontuando se há algum ponto em comum entre elas.

### **Objetivos:**

- Conhecer alguns aspectos da cultura e valores da região norte do Brasil;
- Ouvir histórias narradas pelo professor, colegas de sala;

### **Conteúdos:**

Narrativas orais

### **Recurso:**

O professor deve contar a narrativa oralmente.

### **Descrição das atividades:**

Ambientalize a sala de aula de modo a deixá-la com característica de ambiente natural noturno e promover a contação de histórias; Para o início dessa oficina sonde os alunos sobre os conhecimentos prévios dos mesmos. Questione-os sobre o que seria a história e as histórias de um povo. Para continuar a motivar e instigar os alunos para a participação ativa faça um levantamento sobre o que os alunos conhecem sobre a história da comunidade e em seguida conte para eles a lenda do Cobra Norato de forma que os alunos percebam os recursos inerentes ao texto narrativo oral. Abra um momento de discussão em torno da lenda narrada, pergunte se gostaram, se acham verídica. A partir desse momento permita que os alunos narrem livremente, histórias que eles conhecem, orais e míticas, narradas pelos mais velhos da comunidade. Solicitar a socialização de alguma história que eles já tenham ouvido entre os idosos; podem relatar os causos e comentar se acreditam na veracidade delas ou não e se já agregaram valores e aprendizagem relacionados às mesmas.

Encerrar a oficina mostrando como as narrativas aparecem enquanto manifestação literária oral das regiões, voltadas as tradições culturais da sociedade ruralista.

Questões norteadoras:

1. Conhecem a lenda do Cobra Norato?
2. Conhecem alguma história semelhante?
3. Vocês acham possível que essa história realmente possa ter acontecido?
4. E as histórias que vocês narraram? Elas têm alguma relação com a lenda do Norte?
5. Essas narrativas contadas por vocês são verídicas? Quem contou? Quando?

- Texto utilizado na contação de histórias:

### COBRA NORATO

Câmara Cascudo

No paranã do Cachoeiri, entre o Amazonas e o Trombetas, nasceram Honorato e sua irmã Maria, Maria Caninana.

A mãe sentiu-se grávida quando se banhava no rio Claro. Os filhos eram gêmeos e vieram ao mundo na forma de duas serpentes escuras.

A tapuia batizou-os com os nomes cristãos de Honorato e Maria. E sacudiu-os nas águas do paranã porque não podiam viver em terra.

Criaram-se livremente, revirando ao sol dos dorsos negros, mergulhando nas marolas e bufando de alegria selvagem. O povo chamava-os: Cobra Norato e Maria Caninana.



Cobra Norato era forte e bom. Nunca fez mal a ninguém. Vez por outra vinha visitar a tapuia velha, no tejupar do Cachoeiri. Nadava para a margem esperando a noite.

Quando apareciam as estrelas e o aracuã deixava de cantar, Honorato saía d'água, arrastando o corpo enorme pela areia que rangia.

Vinha coleando, subindo até a barranca. Sacudia-se todo, brilhando as escamas na luz das estrelas. E deixava o couro monstruoso da cobra, erguendo-se um rapaz bonito, todo de branco. Ia cear e dormir no tejupar materno. O corpo da cobra ficava estirado junto do paranã. Pela madrugada, antes do último cantar do galo, Honorato descia a barranca, metia-se dentro da cobra que estava imóvel. Sacudia-se. E a cobra, viva e feia, remergulhava nas águas do paranã.

Voltava a ser a Cobra Norato.

Salvou muita gente de morrer afogada. Direitou montarias e venceu peixes grandes e ferozes. Por causa dele a piraíba do rio Trombetas abandonou a região, depois de uma luta de três dias e três noites.

Maria Caninana era violenta e má. Alagava as embarcações, matava os náufragos, atacava os mariscadores que pescavam, feria os peixes pequenos. Nunca procurou a velha tapuia que morava no tejupar do Cachoeiri.

No porto da cidade de Óbidos, no Pará, vive uma serpente encantadora, dormindo, escondida na terra, com a cabeça debaixo do altar de Senhora Sant'Ana, na Igreja que é da mãe de Nossa Senhora.

A cauda está no fundo do rio. Se a serpente acordar, a Igreja cairá. Maria Caninana mordeu a serpente para ver a Igreja cair. A serpente não acordou mas se mexeu. A terra rachou, desde o mercado até a Matriz de Óbidos.

Cobra Norato matou Maria Caninana porque ela era violenta e má. E ficou sozinho, nadando nos igarapés, nos rios, no silêncio dos paranãs.

Quando havia putirão de farinha, dabucuri de frutas nas povoações plantadas à beira do rio, Cobra Norato desencantava, na hora em que os aracuãs deixavam de cantar, e subia, todo de branco, para dançar e ver a moças, conversar com os rapazes, agradar os mais velhos.

Todo mundo ficava contente. Depois, ouviam o rumor da cobra mergulhando. Era madrugada e Cobra Norato ia cumprir o seu destino.

Uma vez por ano cobra Norato convidava um amigo para desencanta-lo. Amigo ou amiga. Podia ir na beira do paranã, encontrar a cobra dormindo como morta, boca

aberta, dentes finos, riscando de prata o escuro da noite: sacudir na boca aberta três pingos de leite de mulher e dar uma cutilada com ferro virgem na cabeça da cobra, estirada no areião.

Cobra fecharia a boca e a ferida daria três gotas de sangue. Honorato ficava só homem para o resto da vida.

O corpo da cobra seria queimado. Não fazia mal. Bastava que alguém tivesse coragem.

Muita gente, com pena de Honorato, foi, com aço virgem e frasquinho de leite de mulher, ver a cobra dormindo no barranco. Era tão grande e tão feia que, dormindo como morta, assombrava.

A velha tapuia do Cachoeiri, ela mesma, foi e teve medo. Cobra Honorato continuou nadando, assobiando nas águas grandes, do Amazonas ao Trombetas, indo e vindo, como um desesperado sem remissão.

Num putirão famoso, Cobra Norato nadou pelo rio Tocantins, subindo pelo Cametá. Deixou o corpo na beira do rio e foi dançar e conversar.

Fez amizade com um soldado e pediu que o desencantasse. O soldado foi, com o vidrinho de leite e um machado que não cortara pau, aço virgem. Viu a cobra estirada, dormindo como morta. Boca aberta. Sacudiu três pingos de leite entre os dentes. Desceu o machado, com vontade, no cocuruto da cabeça. O sangue marejou. A cobra sacudiu-se e parou.

Honorato deu um suspiro de descanso. Veio ajudar a queimar a cobra onde vivera tantos anos. As cinzas voaram. Honorato ficou homem. E morreu, anos e anos depois, na cidade do Cametá, no Pará.

Não há nesse rio e terras do Pará quem ignore a vida da Cobra Norato. São aventuras e batalhas.

Canoeiros, batendo a jacumã, apontam os cantos, indicando as paragens inesquecidas:

\_ Ali passava, todo o dia, a Cobra Norato...

Lendas Brasileiras – Luís da Câmara Cascudo. Gaia. São Paulo, 2010. P. 23-

### **3ª oficina (3h/a): Conhecendo os valores e a cultura africana**

- Oficina 3 – Esta oficina será dedicada a contextualização teórica no nível da superficialidade, apenas o suficiente para discutir conceitos acerca de cultura de um povo, os aspectos culturais envolvidos nas narrativas ouvidas até o momento, valores e crenças africanas em contra ponto aos valores locais. Em seguida será proposta atividade fílmica, que será escolhida dentro da temática abordada, seguida de atividade interativa, a partir das inferências feitas pelos alunos.

#### **Objetivos:**

- Observar a organização das comunidades africanas e o papel dos mais velhos na formação da história individual e coletiva;
- Familiarizar-se com as crenças e os valores transmitidos pelos mais velhos;
- Discutir sobre as lições de vida, os valores como amizade, respeito, persistência, inveja e conflitos entre as pessoas.
- Conhecer mais sobre a cultura africana, contribuindo assim para a redução do preconceito racial.

#### **Conteúdos:**

Aspectos culturais, valores e crenças africanas.

#### **Recursos:**

Filme Kiriku e a Feiteceira 1998. Aproximadamente 70 min. Michel Ocelot. (Retrato de uma aldeia africana inspirados em contos africanos)

[www.youtube.com/watch?v=vRxhp-hsjzl](http://www.youtube.com/watch?v=vRxhp-hsjzl)

*Notebook;*

*Data show*

#### **Descrição das atividades:**

Para abrir os trabalhos dessa oficina faça uma apresentação, em *slides*, tratando dos conceitos acerca da cultura, valores e crenças africanas. Em seguida, promova a exibição do filme Kiriku e a Feiteceira. Discussão acerca do tema do filme o qual aborda questões relativas à cooperação, coletividade, conhecimentos e preconceitos. No

longa-metragem, o avô de Kiriku que morava na Montanha Proibida, é a representação da sabedoria e do conhecimento.

Questões norteadoras:

1. O que Kiriku buscava a todo o momento?
2. Por que Karabá não permite que ninguém vá até o Sábio da montanha?
3. Quem tem a permissão para entrar na Montanha Proibida?
4. Quem é que pode enfrentar a feiticeira e com quais armas?
5. No início, as pessoas tinham preconceito contra o protagonista do filme. O que ele fez para mudar essa realidade?
6. A história de Kiriku faz parte de outra cultura diferente da nossa, mas com grande influência no Brasil. Em quais aspectos podemos ver essa influência?

#### **4ª oficina (3h/a): Audições de narrativas orais juntos aos idosos da comunidade**

- Oficina 4 – Esta oficina será dedicada as audições de histórias, feitas pelos alunos junto a pessoas mais velhas, tanto da comunidade escolar, tanto no seio familiar e de convívio social. É importante que nesse momento do projeto, os alunos registrem, com o celular, vídeos e áudios dos encontros. Como atividade paralela as audições, os alunos, divididos em grupos, deverão pesquisar usando computadores ligados à internet como suporte, histórias narradas em várias regiões do Brasil.

#### **Objetivos:**

- Perceber os aspectos culturais envolvidos dentro da comunidade em que vivem socialmente;
- Compreender a formação cultural local embasada na cultura de características africanas;
- Socializar sobre essas vivências e experiências;
- Recontar, oralmente, contos e lendas.

#### **Conteúdos:**

Narrativas orais oriundas da comunidade de Olhos D'água

#### **Recursos:**

Celular para registro fotográfico e em áudio.

#### **Descrição das atividades:**

Promover o encontro dos alunos com pessoas idosas da comunidade para uma roda de contação de histórias. A mesma será registrada em vídeo. (O ambiente pode ser o interior da escola ou a residência dos idosos);

### **5ª oficina (3h/a): Leitura literária**

- Oficina 5 – Esta oficina propõe a leitura do conto “Uma é assim, a outra assado, de Yves Pinguilly. Essa leitura deverá ser feita pelo professor juntamente com os alunos, em sala de aula, discutindo e apresentando questões sócias culturais bem como as questões levantadas pelos alunos, possibilitando, assim, uma aula dialógica facilitando a construção de sentidos e o aprimoramento da competência leitora. Desse modo, a leitura, somada a todo trabalho anterior, aparecerá substanciada na sequência básica proposta por Cosson (2011), dividida em quatro partes: motivação, introdução, leitura e posterior interpretação.

#### **Objetivos:**

- Promover a leitura compartilhada e a compreensão do conto Uma é assim, a outra assado de Yves Pinguilly;
- Perceber no conto elementos que preconizam a cultura e saberes popular;
- Compreender os elementos culturais e sociais do texto.

#### **Conteúdos:**

Leitura literária

#### **Recursos:**

Cópias do texto Uma é assim, a outra assado, para todos os alunos envolvidos no projeto.

#### **Descrição das atividades:**

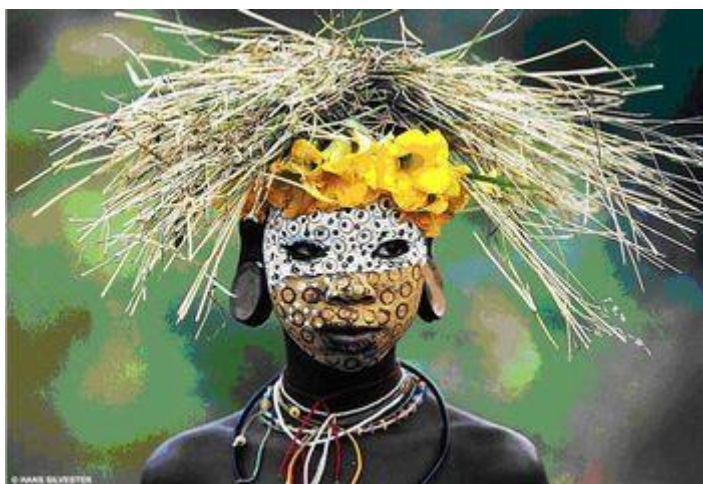
Para que se tenha um bom momento de leitura é necessário que antes os alunos estejam envolvidos com o texto a ser lido. Distribua cópias do conto entre os alunos, apresente aos alunos o escritor Yves Pinguilly, questione-os acerca do título do conto e sobre os quais as expectativas para a leitura. Colocadas as considerações iniciais, promover uma leitura do conto, na qual, o aluno pode manifestar o desejo voluntário pela leitura, com a mediação e interferência do professor, sempre que necessário na ênfase e pontuação, evitando que haja desvios na interpretação do texto. Após a leitura questione-os se a mesma satisfaz as expectativas deles. Comentar sobre o

uso dos recursos linguísticos na obra e questioná-los sobre o modo empregado pelo autor para atrair o leitor ao texto. Problematicar o texto, que trata dos saberes e as crenças mitológicas que acercam o ditado popular que diz: “O bem se paga com o bem, o mal se paga com o mal.”

- Imagens motivacionais para antes da leitura:



Fonte: [www.portaldoprofessor.mec.gov](http://www.portaldoprofessor.mec.gov)



Fonte: [www.portaldoprofessor.mec.gov](http://www.portaldoprofessor.mec.gov)



Fonte: [www.portalafricas.com.br](http://www.portalafricas.com.br)



Fonte: [www.julysilver.blogspot.com.br](http://www.julysilver.blogspot.com.br)



- Texto para leitura literária mediada:

## UMA É ASSIM, A OUTRA ASSADO

Yves Pinguilly

Certa manhã um rapaz, que já tinha crescido pelo menos vinte estações das águas, parou à sombra de um *bisselão*\* para comprar de uma vendedora uma cabaça de suco de tamarindo com pimenta. A vendedora já tinha crescido pelo menos vinte estações da seca. Assim que a viu, o rapaz decidiu que a linda moça seria sua mulher.

Mal havia tomado essa decisão, o *bisselão* (que sem dúvida tinha ouvido os pensamentos do rapaz e os da moça) baixou a cabeça, e seus galhos mais altos como se fossem braços amáveis, abraçaram os dois jovens, que se encontraram lá em cima, ao lado do céu azul, e ficaram bem apertados um contra o outro.

Sem mais esperar, eles se casaram. Ele construiu uma casa, meio afastada, quase no coração da selva. Era um grande lavrador, manjava a *daba*\* como ninguém. Cultivava *gergelim*, \* feijão, *milhete*\* vermelho, milhete branco, inhame, quiabo e, é claro, *pili-pili*. \*

A casa deles, durante várias horas do dia, era afagada pela sombra suave da farroba.

Estavam juntos mal havia um ano, quando tiveram uma filha: Yassedi. Três semanas depois desse nascimento, comeram *bolinho de lágrimas*\* e bolinho de milhete, com um gostoso molho salgado.

Mais um ano juntos, e Yassedi teve uma irmãzinha: Suniguê. Três semanas depois do nascimento de Suniguê, o pai e mãe comeram, nem é preciso dizer, bolinho de lágrimas e bolinho de milhete, com um gostoso molho salgado.

Alguns anos se passaram, as meninas já estavam um pouco crescidas.

Um dia, quando o pai trabalhava na sua lavoura, a mãe pegou Suniguê e foi para um canto da selva queimar uns galhos secos para fazer um pouco de cinzas e filtrar o sal. Yassedi ficou sozinha, perto da casa deles, protegida pelos seccos\* que cercavam o quintal.

Su, a aranha macho, chegou com seu amigo sapo e perguntou:

\_ Yassedi, cadê os outros, se você está sozinha?

\_ Meu pai está por aí, curvado sobre a terra, com sua daba. Minha mãe foi fazer sal.

Su, a aranha macho, foi embora, seguida pelo sapo. Dogdogum, a lebre, apareceu. Também perguntou:

\_ Yassedi, cadê os outros, se você está sozinha?

\_ Minha mãe foi fazer sal. Meu pai está por aí, curvado sobre a terra, com sua daba.

Dogdogum, a lebre, foi embora.

Chegou um homem que tinha escamas de crocodilo na pele. Seus olhos eram vermelhos e sua boca parecia uma ferida sangrenta. Talvez fosse um desses feiticeiros que andam por aí de noite com uma tocha acesa em cada mão; um desses feiticeiros que torcem o próprio pescoço para que o pescoço de alguém se torça também, ou que cospe os próprios dentes para que os dentes de alguém caiam. O homem apoiou-se nos seccos.

Yassedi, sem pensar duas vezes, correu até a talha e lhe serviu imediatamente a água de boas-vindas. Ele matou a sede, e depois disse:

\_ Yassedi, você é mesmo uma menina muito boa e muito amável. Arranje, se puder, uma cabaça velha para mim.

Yassedi escolheu uma bonita cabaça limpinha, entalhada com lindo desenhos, e a entregou ao homem. O homem derramou nela uns grãos de milhete, que misturou com um pouco d'água, e começou a comer. Vendo aquilo, Yassedi acrescentou um pouco de um gostoso pirão feito por sua mãe, com favas de farroba. Ela queria que o homem matasse bem a fome.

\_ Yassedi, muito obrigado. Você é boa... Você é sempre boa assim?

Yassedi baixou a cabeça, sem responder. O homem tornou a falar.

\_ Vá buscar uma panela para mim.

Ela foi pegar uma bonita panela, limpinha, e trouxe para o homem. Ele cortou um pedaço da própria carne, botou a carne na panela e disse:

\_ Yassedi, cozinhe para mim com um pouco de sal e prepare um bolinho de milhete para eu comer com a minha carne.

Yassedi pôs a carne na panela com a quantidade certa de óleo. Socou um pouco de milhete, preparou com ele um volumoso bolinho, que cozinhou muito bem. O homem botou a comida num cesto de vime e guardou-a para o jantar ou para o dia seguinte.

\_ Yassedi, você é boa, boa, boa. Agora que as mãos do Sol estão quase tocando os ombros da Terra, tenho de ir embora. Quer me acompanhar um pouquinho?

Yassedi, sem responder, foi atrás dele. O homem logo se pôs a cantar:

*Sou feiticeiro de noite, sou feiticeiro de dia*

*De noite eu falo com a noite*

*De dia eu falo com o dia*

Passado algum tempo, chegaram à beira de um *alagado*. \* A água era densa e verde na beira, e no meio era branca e gordurosa.

\_ Yassedi, em qual destas águas você gostaria de se banhar?

\_ Não posso escolher uma ou outra dessas água, porque não sei nada do segredo dos iniciados.

\_ É verdade. Tem razão. Escute, Yassedi, garanto que você pode se banhar sem medo na água verde.

Yassedi, que estava com calor desde cedo, mergulhou na água verde. Quando saiu... – como dizer? Quem vai acreditar? - ... ela cintilava! Seus punhos e seus tornozelos estavam enfeitados de pulseiras de ouro! Sua cintura estava rodeada por várias voltas de contas vermelhas. Contas brancas brilhavam no seu pescoço e os brincos pendurados nas orelhas só esperavam as estrelas saírem no céu para rivalizar com elas em esplendor.

O feiticeiro se aproximou de Yassedi e murmurou:

\_ Agora chega. Guarde essas riquezas, pois você sabe ser boa sem pedir nada em troca. Vá volte para casa e nunca vire feiticeira!

Yassedi voltou para casa. O feiticeiro seguiu em frente. Quando Yassedi chegou em casa, a noite já a esperava. Ela deitou debaixo da esteira, e não em cima, como se temesse que a noite lhe roubasse seus tesouros.

Sua mãe chegou primeiro da selva, com sua irmã. As duas procuraram Yassedi. Acenderam um fogo e algumas tochas de palha. Descobriram Yassedi dormindo debaixo da esteira e....

\_ Minha filha! *Iuiu!* \*

A mãe de Yassedi só conseguiu repetir “minha filha, minha filha!” e gritar iuius de alegria. Sua irmã Suniguê desatou a chorar.

Se eu tivesse ficado, se não tivesse ido à selva com minha mãe, também teria ganhado mil presentes.

No seguinte e nos outros dias, Yassedi não quis contar nada do acontecido ao pai, à mãe, à irmã.

A partir desse dia, Suniguê se recusou a ir à selva, até mesmo para fazer sal ou catar lenha. Ela se recusou a ir à lavoura com o pai, até mesmo para catar berinjela, pili-pili ou quiabo.

Yassedi, com suas joias, continuava a ajudar a mãe, tanto na cozinha como fazendo sal ou catando lenha. Ajudava também o pai, tanto a plantar o sorgo como para espantar os bandos de papa-grãos\* que atacavam as colheitas.

Um dia em que Yassedi trabalhava com o pai, e sua mãe fazia sozinha o sal num canto da selva, um homem chegou à concessão deles. Entrou no quintal e chegou junto da casa. Tinha escamas de crocodilo na pele. Seus olhos eram vermelhos e sua boca parecia uma ferida sangrenta. Era o feiticeiro de dia e de noite que havia encontrado Yassedi. Quando viu Suniguê, cumprimentou-a:

\_ *Lapya.* \*

Suniguê, em vez de responder “bom-dia”, caiu na gargalhada e deu as costas ao feiticeiro. Só se virou para ele para dizer:

\_ Vovô, você tem umas escamas que... argh! Vovô, você tem uma boca que... urgh! Vovô, você tem uns olhos que ... que olhos!

\_ Mocinha, não quer ir buscar uma cabaça velha e me dar de beber?

De novo ela deu as costas ao velho, resmungando: “Esse filho de um cão é um bastardo de bastardia!”. Foi pegar a cabaça velha toda rachada, pôs um pouco d’água dentro e entregou a ele:

\_ Tome, mate a sede, se puder.

Ele bebeu um gole d’água, só um golinho. Quase toda água tinha escorrido no chão, como se a cabaça rachada fosse uma peneira.

\_ Mocinha, quer ir pegar uma panela e cozinhar um pouco de carne para esse seu avô?

Suniguê escolheu uma panela velha, bem suja, que só era usada para dar água às galinhas-d'angola. Passou a panela para o velho das escamas. Ele cortou um pedaço da própria carne, colocou-a na panela e perguntou:

\_ Você poderia cozinhar a carne com um pouco de óleo e preparar para mim um bolinho de milhete bem macio?

Às gargalhadas, Suniguê pegou a panela. Cozinhou a carne com água, e não com óleo. Pegou farelo de milhete, em vez da boa farinha bem branca. Molhou o farelo, colocou-o na velha cabaça rachada. Feito isso, deu essa comida horrível ao velho, como se tratasse do grande almoço de fim de ano, aquele que se com e para comemorar a chegada do milhete branco! O velho comeu sem dizer nada. \_ Mocinha, acabei de comer. Vou embora. Quer me acompanhar um pedaço do caminho, como é de costume?

Suniguê foi à frente do velho, mostrando mais uma vez sua falta de respeito. Chegaram ao alagado.

Durante o caminho, o velho cantava:

*Sou feiticeiro de noite, sou feiticeiro de dia*

*De noite eu falo com a noite*

*De dia eu falo com o dia*

Suniguê, que tinha ido bem na frente, não ouviu a letra da canção.

\_ Mocinha, quer que eu te dê uma água bem pura para você se banhar?

Suniguê caiu de novo na gargalhada e respondeu, cheia de maldade:

\_ Então me dê água uma amarela, vermelha, azul ...

No mesmo instante, a água do alagado ficou amarela, vermelha e azul! Espantada, Suniguê escorregou e caiu na água. Quando saiu, estava coberta de verrugas e de enormes espinhas vermelhas. Os braços e as pernas estavam cobertos de feridas purulentas, e cada um dos seus dedos tinha se transformado em serpente.

O sol tinha posto suas mãos nos ombros da Terra. Suniguê começou de repente a cantar sem querer:

*É noite, sou feiticeira de noite,*

*É noite, sou feiticeira de noite,*

*É noite...*

E o feiticeiro seguiu em frente.

Suniguê voltou para a concessão dos pais. Lá chegando, sua mãe acabava de acender umas tochas para procura-la. Quando a viu, levou um susto terrível! De noite, à luz das tochas, os olhos de Suniguê estavam mais vermelhos que o sangue. O resto da sua pessoa estava pior ainda!

Quem pode dizer que nada disso teria acontecido com ela, se ela não tivesse sido tão mal-educada, se não tivesse bancado a orgulhosa, se tivesse respeitado e ajudado os pais e os mais velhos que os pais?

Quem pode dizer se aquele que está sentado no cupinzeiro pode falar mal dos cupins? Se quem está vivo pode zombar dos laços de sangue e de leite, ou zombar de alguém, quem quer que seja?

Contos e Lendas da África – Yves Pinguilly. Cia das Letras, São Paulo, 2008. (p. 151-163)

## **6ª oficina (4h/a): Dia De Contação de Histórias**

- Oficina 6 – Montagem da mostra de narrativas tradicionais e Dia De Contação de Histórias. Nesse momento é importante que se reúna todos os alunos e funcionários da escola, bem como a mesma ser estendida a comunidade extra escolar, uma vez que cada participante poderá se perceber como sujeito ativo dentro do processo construtivo das narrativas.

### **Objetivos:**

Promover roda de contação de histórias,

Avaliar a aprendizagem sobre as narrativas orais, suas origens e contribuição para a formação social através do imaginário popular.

### **Recursos:**

Folha de isopor;

TNT;

Imagens relacionadas às narrativas orais;

Cola para isopor, cola branca;

E. V. A.

### **Descrição da atividade:**

Essa última atividade consiste em apresentar o resultado das aulas anteriores e avaliar o desempenho dos alunos. Para que o dia De contação aconteça será necessário a ambientalização de um espaço, decorando com as imagens relacionadas às narrativas orais. Essa oficina contará com a participação de toda comunidade escolar bem como será aberto para visita da população.